

O DUPLO: O conhecido e o desconhecido na clínica

Clarissa Venzon, Fabiana Damiani, Gecelda Nunes, Jeanete Sacchet, Sílvia Ribeiro e Sílvia Katz

Muitos são os mistérios a serem desvendados na clínica psicanalítica nos dias de hoje. Quando trabalhamos com o psiquismo humano, alguns conceitos se tornam presentes e imprescindíveis. Costumamos sempre nos remeter àqueles velhos conhecidos, como transferência, contratransferência, entre outros. Entendemos que, no dia a dia de nossa profissão, existe uma necessidade de compreender o sujeito que nos procura sob os mais diversos ângulos. Em função disso, algumas vezes, desbravamos caminhos obscuros, complexos e instigantes. Foi o que aconteceu no processo de construção deste trabalho. Entramos por um caminho desconhecido, difícil e desafiante. Acabamos nos deparando com um conceito pouco estudado e pouco conhecido em nosso meio: o ‘duplo’.

Antes de nos determos sobre o conceito propriamente dito, é importante entender a idéia da espacialidade psíquica. Partimos de um estudo feito por David Maldivsky, no livro “Processos e Estruturas Vinculares”. O autor cita a espacialidade como a fonte do duplo, ou seja, a partir dela se criam, por projeção, ‘duplos’ para os processos identificatórios. Maldivsky esclarece: “a espacialidade psíquica pode ser inferida pela produção projetiva de diferentes espacialidades manifestas. O termo mediador entre a espacialidade psíquica e seu produto exterior é a projeção, entendida não como um processo defensivo, mas como um modo de configurar, de dar forma à realidade para um ego”.

Parece que o autor nos fornece uma idéia de que o ego, para lidar com os conflitos, acaba por encontrar um refúgio para sua própria sobrevivência. O ego, por assim dizer, sustenta-se e mantém-se, através de um processo de identificação que podemos chamar de ‘duplo’. Assim, o ‘duplo’ aparece na clínica como uma segurança contra a destruição do ego, disfarçado por

projeções. Podemos fazer uma analogia com o dublê, que filma as cenas de risco no lugar do ator para preservar a sua vida.

A primeira referência ao conceito de ‘duplo’ foi feita por Otto Rank, citado por Freud no texto “O estranho” (1919), em alemão *Das Unheimliche*. Freud destaca que Rank (1914) abordou de forma muito completa o tema do ‘duplo’. Ele penetrou nas ligações que o ‘duplo’ tem com reflexos em espelhos, com sombras, com espíritos guardiões, com a crença na alma e com o medo da morte.

Em um primeiro momento, os conceitos que Otto Rank nos revela podem parecer ‘estranhos’. Freud esclarece que o ‘estranho’ relaciona-se com o que é assustador, com o que provoca medo e horror e propõe a existência de um núcleo de sensibilidade para captar o desconhecido, levantando a seguinte questão: que núcleo seria esse que nos permite distinguir como ‘estranhas’ determinadas coisas que estão dentro do campo do que é amedrontador?

O autor nos fornece a resposta para esta indagação quando menciona que o ‘estranho’ é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, e há muito familiar. Freud investigou o uso lingüístico da palavra ‘*unheimlich*’ (estranho) que é o oposto de ‘*heimlich*’ (familiar). Ele acrescentou que somos tentados a concluir que aquilo que é estranho é assustador porque não é conhecido e familiar, mas conclui que a relação não pode ser invertida: nem tudo que é novo e não familiar é assustador.

Freud encontrou no dicionário alemão, de Daniel Sanders, dois significados para a palavra alemã ‘*heimlich*’:

I. Pertencente a casa, não estranho, familiar, doméstico, íntimo, amistoso.

II. Escondido, oculto da vista, de modo que os outros não consigam saber, sonegado aos outros.

Freud lembra que *'unheimlich'* é definido como misterioso, sobrenatural, que desperta terrível temor; *"é o nome de tudo o que deveria ter permanecido...secreto e oculto, mas veio à luz"*. (Schelling). Esclarecendo, Freud traz a tona a idéia de que o significado da palavra *'heimlich'* se desenvolve na direção da ambivalência, até que finalmente coincide com seu oposto *'unheimlich'*. Pede ao leitor que tenha em mente esta descoberta, ainda que não possa compreendê-la corretamente.

A questão do *'duplo'* relaciona-se intimamente com o tema do estranho, já que o processo identificatório configura-se no sentido da ambivalência, entre o desconhecido e o conhecido. Freud refere que o *'duplo'* (...) *"é marcado pelo fato de que o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre que é o seu eu (self) ou substitui o seu próprio eu (self) por um estranho. Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu (self)"*.

Faremos uma tentativa de esclarecer os conceitos citados neste trabalho, apresentando um caso que nos parece ir ao encontro deste tema.

Clara veio para tratamento na FUMM em março de 2004, aos cinquenta e dois anos de idade, por depressão e síndrome do pânico. Revela em sua história uma falta de espaço para existir desde o princípio. Quando nasceu, Clara não tinha um berço para dormir. A mãe juntava cadeiras de uma sala de jantar, colocando a menina ali. Clara refere que como "bebê ficava muito desamparada", questionando-se: "como minha mãe fez isso comigo, se a primeira coisa que eu fiz para meus filhos foi comprar tudo para eles e a última coisa que eu faria seria comprar uma sala de jantar". Além disso, a paciente relata que chorava de fome, pois sua mãe não tinha leite e não a pegava no colo, por orientação do pediatra.

A mãe de Clara é descrita como uma pessoa deprimida, que perdeu os pais na infância, sendo criada por uma tia. O pai era "comandante aéreo", e ausentava-se de casa com muita

frequência, ocasiões em que “a mãe se apagava, olhando somente na direção do pai”. Aí Clara se pergunta: “Será que eu não me apagava também já que meu pai era minha fonte de afeto?”

Clara conta que na infância, foi uma criança doente, tinha problemas de garganta. Era a única entre os irmãos que não brincava. Ficava na companhia da mãe por ser “fraquinha”, acreditando que assim obteria a sua atenção. Aos oito anos de idade, perdeu seu irmão caçula, o único homem, de forma traumática. Ele, a paciente e uma outra irmã passeavam de mãos dadas, quando o menino se soltou da mão da irmã e foi atropelado por um ônibus. Clara ficou em estado de choque sem conseguir se mexer, nem falar, e pensava: “não vão me tirar daqui”? Após a morte do irmão, foram proibidos de falar sobre a perda.

A paciente foi apelidada pelos pais de “a sombra”, porque ela “não falava, não interagia, estava ali, mas era como se não estivesse”. Com o tempo, assumiu a condição de sombra: “eu me tornei a sombra consciente, já que nunca me senti aceita como eu era, não tinha espaço para viver naquela casa”. Sua “fonte de afeto” era o pai. Clara abandonou o sonho de ser bailarina, para ser engenheira e, embora após a morte do irmão a mãe tenha tido outro filho homem, ela passou a ser vista como o “homenzinho da casa”. Na vida adulta adotou uma postura masculina em seu primeiro casamento, sustentando o marido e os filhos.

Aos quarenta e sete anos, depois da separação de seu segundo marido, teve uma grave cardiopatia, quase morrendo. Após o surgimento dessa doença desenvolveu uma síndrome do pânico, não conseguindo mais ficar sozinha. Suas crises de pânico eram intensificadas nas situações em que precisava viajar de avião. Diz que o avião representava a morte, pois “ficava no ar, sem ter onde se agarrar”, e acrescenta: “foi assim que eu sempre me senti, solta no ar”. Atualmente está livre dos sintomas que a trouxeram para tratamento e sem uso de medicação.

Conta que recentemente, ao assistir o filme “Fred e Elza”, ficou muito impactada quando Elza diz a Fred que ele não tinha medo de morrer e sim de viver. Clara questiona-se: “será que eu não tenho é medo de viver”?

Considerações Finais

O caso relatado promove espaço para o desenvolvimento de idéias e criação de hipóteses. A descoberta de Clara de seu “medo de viver” parece uma grande evolução rumo à dissolução dos conflitos, decorrentes de seus traumas infantis.

Clara vem da sombra, viveu na sombra, era a sombra, identificando-se por vezes com a mãe deprimida e em outros momentos, com seu irmão morto. Assim sendo, viveu à sombra da mãe... do irmão morto... do luto familiar... Viveu o ‘duplo’.

A falta de sustentação que a paciente comunica, por falha no espaço psíquico de sua mãe, juntamente com a realidade trágica de sua infância, fez com que ela criasse um ‘duplo’ para desmentir uma realidade insuportável.

Clara pagou o preço da regressão de seu ego; em contrapartida, não destruiu seu psiquismo, ao contrário de sua irmã, que se tornou psicótica.

Encontrou em sua terapeuta o espaço psíquico, e no *setting*, o berço que não tinha em casa, com o que está conseguindo retomar a trajetória do seu desenvolvimento emocional, que estava estancado, protegido pelo seu ‘duplo’, a ‘sombra’. O medo da morte está se transformando no medo de viver, de sair da sombra e de ser ela mesma, medo que ela terá de enfrentar para se sentir viva e ser uma só.

Nosso objetivo com esse trabalho foi o de comunicar uma idéia que pode ampliar a nossa visão clínica e nos auxiliar em nossa prática diária.

Referências:

1. Freud, S. (1919), “ O ‘Estranho’ ” , O. C., E. S., XVII.
2. Maldavsky, D., Processos e Estruturas Vinculares: Mecanismos, Erogenidade e Lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.